

# Eh, Tchê, Moacyr, Scholem Aleikhem!

## JACÓ GUINSBURG

Professor titular de Estética Teatral e Teoria do Teatro na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), escritor, tradutor e editor, diretor-presidente da editora Perspectiva

A PRESENÇA DO JUDEU NA LITERATURA DE FICÇÃO NO BRASIL GANHA FIGURAÇÃO específica com três nomes que, em nosso país, leitores e a crítica leram como representativos pela natureza de sua escritura, isto é, dos destaques temáticos, de suas personagens e das peculiaridades de seu estilo. São eles: Clarice Lispector, Samuel Rawet e Moacyr Scliar. É claro que essa representação, direta ou indireta, não se expressou unicamente através da pena desses autores, nem foi seu único interesse, mas pode-se dizer, sem exagero, que suas criações em termos de romances, novelas e contos foram as que, até o momento, a tornaram mais sensível, inscrevendo-a obrigatoriamente como uma face da atualidade humana, social e cultural projetada no discurso narrativo de nossas letras.

Sem dúvida, nos três escritores, essa condição e invocação recebem materializações muito diversas, senão até contraditórias, que vão desde uma presença imersa e simbolicamente recalcada (*n'A Hora da Estrela da Macabéa*), passa por um aparecimento angustiado e contrafeito (*O Profeta, A Prece, Judith, Gringuinho etc...*) para chegar a um registro que, sem ocultar o que vem de fora e traz a sua bagagem, os seus modismos, a sua problemática e a sua situação no mundo dos homens, das religiões, das nações e, sobretudo, nesses brasis, com domicílio identitário nas terras pampeiras e no Bom Fim portoalegrense, para dizer estou aqui porque nasci aqui ou, como bom gaúcho: “*Scholem aleikhem*, passa a cuia com chimarrão”. Creio ser este último uma indicação apropriada de como o autor das novelas *O Centauro no Jardim, A Majestade do Xingu, A Guerra no Bom Fim, A Estranha Nação de Rafael Mendes* e *Os Deuses de Raquel*, e dos contos *A Balada do Falso Messias, Os Profetas, Irmãos*, entre tantos outros, se expõe e expôs sua obra ao público. Nela a diversidade não é a do estrangeiro, nem do refugiado, embora eles compareçam com seus problemas e dramas na galeria pintada pelo ficcionista. Simplesmente, estão aí, com o mesmo direito às tragédias e comédias de suas existências, ao onírico e ao fantástico de suas transfigurações e evasões, ao humor scholemaleikhiano, à ironia peretziana de seu português machadiano de Dionélio e de Assis, acentuado pela memória não só afetiva, como cultural do judaísmo, especialmente em sua versão ashkenazita-ídiche.

Em verdade, o legado deste médico sanitarista que se debruçou também clinicamente sobre a condição humana, auscultando-a nos aspectos mais íntimos de sua anatomia espiritual e dos delírios imaginativos de suas mentalizações fantásticas e poéticas, é um vasto painel da vida brasileira do século de sua contemporaneidade, em uma narrativa em que se plasmam, em dicção própria, registros de Kafka, Borges, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo e, não menos, os da tradição do contista judeu, seja nas suas manifestações tradicionais, seja na de suas metamorfoses modernas, na literatura judaica (íídiche, hebraica e norte-americana).

Entretanto, o ficcionista não totaliza o retrato do homem Moacyr Scliar que, além de sua continuada atuação como médico, trabalhou como jornalista, cultivou a crônica até seus últimos dias, mantendo um contato pessoal e constante com seus leitores, o que tornou a sua figura, sem dúvida, uma das mais populares em nosso meio. Evidenciam-no o preito que lhe prestaram pela imprensa nacional, escrita e eletrônica, muitos de seus pares nas lides intelectuais e literárias, salientando, ao lado do valor artístico de seus escritos, a generosidade e a humanidade de seu caráter. E a esta merecida homenagem e reconhecimento associa-se o autor dessas linhas.